

A Geração da Utopia de Pepetela: representação da mulher e o princípio esperança

Ianá Souza Pereira¹

“Portanto, só os ciclos eram eternos.” (A Geração da Utopia, p.316)



Quando analisamos o romance *A Geração da Utopia* do angolano Pepetela, poderíamos dizer que o enfoque da narrativa é a guerra de independência em Angola. Mas, nesse romance, as questões impostas aos personagens se sobrepõem à guerra, para além do horror da guerra embutido na sua narrativa, o leitor é levado pelo texto às reflexões múltiplas acerca da natureza humana: os anseios e limitações de vidas colocadas em situações de desumanização do homem pelo próprio homem. Este ensaio, porém, se propõe a analisar a representação da mulher nesta narrativa, bem como demonstrar o papel das personagens femininas na composição do “princípio esperança” desta obra literária.

Antes de adentrarmos pelo romance proposto, é importante acentuar alguns aspectos historiográficos (re) configurados no texto: Em *A Geração da Utopia*, Pepetela debruça-se sobre trinta anos de história de um grupo de jovens angolanos citadinos que se confunde com a própria história do seu país, revelando os movimentos de libertação de Angola através de um esboço dos bastidores cruéis da Guerra Colonial. Poderíamos dizer que em *A Geração da Utopia* as personagens femininas são coadjuvantes da história, e do processo de libertação de Angola, mas ao mesmo tempo desempenham um papel importante dentro da narrativa, no entanto, o foco da reflexão desse trabalho é entender o papel das personagens femininas num espaço convulsionado pela guerra a que se refere o romance. O romance apreende e acompanha a configuração do projeto de libertação de Angola, desde as suas origens até a consolidação da desocupação colonial por meio de uma luta sangrenta. A narrativa pode ser aludida como uma epopéia que relata a construção da nacionalidade angolana, uma nação gestada e nascida através da luta; um país em formação, uma geração impulsionada por uma esperança que beira a desesperança. O livro possui uma divisão temática e cronológica, é apresentado em quatro capítulos: “A

¹ Mestranda FFLCH/USP

Casa (1961)”, “A Chana (1972)”, “O Polvo (1982)”, e o “O Templo (a partir de junho de 1991)”, sendo que cada um deles se encerra com um epílogo. As personagens que ali aparecem assumem valores universais através de seus anseios por liberdade, sonhos, incertezas, fracassos e frustrações. Os estudantes de “A Casa”, dadas pequenas exceções como a de Malongo, se engajaram na guerrilha, foram em busca do sonho gestado na Casa dos Estudantes do Império: a libertação de Angola. No ambiente hostil da guerra é revelado à verdadeira face de cada um, a Chana revelou a verdadeira personalidade de Vítor, suas ambições e seu desejo de poder. Embora o livro sinalize para a corrupção que se instala em Angola após a independência, fazendo com que a narrativa ganhe um tom de desilusão e frustração, o que lá encontramos é o sonho de uma nação independente e justa sendo semeado, galgando raízes em gerações futuras, a personagem de Judite e do seu namorado Orlando sinalizam o acolhimento de uma esperança, o despertar da semente lançada outrora, pois uma história que começa com portanto, como magistralmente pontua o autor, não deve ter um ponto final.

No que diz respeito à figura do herói, o romance aponta para uma desconstrução da figura do herói, nenhum de seus personagens aparece como exemplo a ser seguido, possuindo grandes qualidades e apenas valoração positiva, muito pelo contrário, os personagens que constituem a narrativa se classificam como pessoas reais, humanas, possuidoras de qualidades e defeitos como qualquer ser humano. As figuras femininas apresentadas são mulheres reais e não idealizadas, que exteriorizam os seus sentimentos e posicionamentos perante a sociedade em que vivem, sem se fecharem numa imagem de sofredoras, resignadas e desiludidas. Uma espécie de distorção imagética que vislumbra a mulher como detentora da força, como, por exemplo, a personagem Sara: uma estudante de medicina, africana, angolana e branca (isso faz diferença?), politicamente engajada, detentora de um olhar crítico a cerca do sistema colonial em seu país; carrega em si o sonho da independência de Angola e o desejo de construir um país novo, propõe para si e para aqueles que estão a sua volta uma tomada de consciência impulsionadora de transformações necessárias para superar a ocupação portuguesa em Angola. Embora Sara não seja tomada como protagonista da história em *A Geração da Utopia*, ela desempenha um papel importante ao longo de todo o texto, aparecendo logo nas primeiras linhas do romance, acenando para uma representação emblemática dos ideais de liberdade que são anunciados ao longo do romance, ao menos aqui é protagonista de um momento ímpar do texto, no qual o autor faz uma aproximação imagética entre a figura de Sara, acordando em um dia “particularmente luminoso”, e a liberdade aspirada para Angola – “Sara abriu os braços descobertos. Inútil, não nascera pássaro.” (p. 11).

Muitas vezes no livro o narrador se serve do olhar de Sara para abordar questões importantes para o debate: ela questiona a segregação racial, sendo vista com desconfiança pelos seus compatriotas pelo fato de ser branca, discorre sobre o risco de um nacionalismo angolano exacerbado que leva a exclusões injustas, e avalia as questões identitárias diferenciando a cultura angolana da cultura lisboeta. Sara

assume uma posição pró-independência de Angola, não apenas projetando seus ideais de liberdade em “sonhos diurnos”, apresentados nas suas divagações sobre o processo de independência, mas ela vai à luta, à sua maneira e dentro do que lhe possível; sai em passeatas pró-independência, ministra palestras sobre o assunto e participa ativamente das discussões com os estudantes da Casa de Estudante do Império, e, principalmente, sonha, sonha com a liberdade para o seu país, projeta desejos de servir como médica ao seu povo, para ela a sua estada em Lisboa nada mais era além de um exílio do seu ventre materno angolano. A escolha da personagem feminina de Sara, com certeza, não é arbitrária, pois ela emblematiza todos os ideais revolucionários da geração utópica, seus sentimentos são exteriorizados pelo narrador como uma forma estilística para valorizar a figura da mulher.

Além de Sara *A Geração da Utopia* nos apresenta outras representações do feminino como, por exemplo, a “anarquista” Marta, amiga de Sara que ajuda a esconder Aníbal (figura chave no processo libertário), a alienada Fernanda que deixa claro que não se interessa por política, a deslumbrada Luzia, esposa do Vitor, que idolatra sua riqueza fruto da corrupção e oportunismo do seu marido, e, Mussole, figura simbólica que aparece apenas nas lembranças nostálgicas de Aníbal. Mussole poderia ser tomada como a figura feminina que simboliza a África mítica, pois percebemos que acontece no romance uma junção entre o discurso histórico e o discurso mítico de África, nas palavras do Sábio, Mussole: “... é o tumulto profundo que se deixa adivinhar nas águas paradas, é a vida borbulhante na Chana” (p. 127), essa mulher possuidora de uma força interior selvagem se confunde com a própria natureza, se assemelha ao capim quando dança, dada a sua flexibilidade. A sua morte violenta, seu esquarteramento e violação seriam uma metáfora para os rumos tomados no movimento revolucionário de libertação de Angola, o esfacelamento dos sonhos utópicos que outrora guiaram o ideal revolucionário. O que restou a Aníbal, o Sábio, foi plantar uma mangueira para que ali repousasse o espírito de Mussole – “... O espírito tinha de novo adormecido, talvez por anos, à espera de novo cataclismo universal. No entanto, todos os dias, ele sabia, haveria de regar a mangueira, acariciar o tronco e falar para ela, cada vez mais velho e fraco, mais descrente também, na esperança de despertar o espírito das chanas do Leste que nela vivia, dormitando”. (p.255).

Segundo nos parece, a esperança que “dormita” em *A Geração da Utopia* muitas vezes aparece na figura de Sara, no seu idealismo e sonhos de liberdade. Quando a narrativa parece revelar um desencantamento pelos rumos que o país “independente” tomou, a utopia “acorda” novamente na figura de Sara, pois entendemos que a sua filha Judite seria a personificação simbólica do despertar da esperança que outrora fora semeada por essa geração utópica, acendendo para possibilidade de despertar os sonhos de um país livre e justo que andavam “dormitando” por um longo tempo: uma Angola para os angolanos. Judite é filha da Geração da Utopia, ela incorpora o recomeço para construção de um novo projeto de libertação de Angola; agora uma libertação da corrupção e do oportunismo daqueles que foram corrompidos pelo poder, nela há esperança e, se existe esperança, há sonhos, afinal “só os ciclos eram eternos” (p.11).

De forma suave e lírica, embora sem deixar de ser crítica e contundente, Pepetela constrói, com maestria, uma atmosfera na literatura para discutir questões que ocupam as suas preocupações, demonstrando uma resistência politicamente engajada, fundindo militância política e criação literária, assumindo a “dimensão utilitária” da narrativa a que se refere Valter Benjamin no seu célebre texto “O Narrador, considerações sobre a obra de Nikolai Leskov”. O romance tenciona uma dialética para problematizar uma realidade histórica e social de Angola, numa conjuntura de extrema degradação da pessoa humana, apresentando fragmentos de vida (real ou imaginária?).

Interessante notar que a nossa discussão sobre a representação da mulher em *A Geração da Utopia*, busca uma conexão com “O princípio esperança” do filósofo marxista alemão Ernst Bloch, visando um diálogo real com a problemática da guerra e a mulher dentro desse contexto, situando a representação do feminino e o princípio esperança como uma utopia viável, seguindo a análise blochiana de esperança que permite ao homem lançar-se para o futuro, levando em consideração o presente, o “aqui e o agora”, para se atingir o futuro possível, o que para Bloch não se realiza por fatalidade, mas por uma necessidade histórico-concreta. Para esse pensador a esperança não é tomada como algo fantasioso, fruto da imaginação vazia, mas, possui bases reais amparadas na militância do sujeito engajado em mudanças concretas para a sociedade em que se insere. Pensamos em demonstrar que o romance *A Geração da Utopia*, à sua maneira, e dentro do que lhe é possível, transforma os sonhos de liberdade de Angola numa ação concreta, despertando os “sonhos diurnos” da geração que lutou pela sua independência, e avança na realização de seus desejos libertários, seja como metáfora e/ou como atitude assumida perante a vida, constrói o que seu autor acredita ser alternativas para escapar da realidade opressora manifesta, sempre percebendo a realidade e se projetando para a mudança dentro das condições matérias que lhes são apresentadas, não se acomodando e esperando que a mudança aconteça do nada: a luta da geração da utopia angolana representa a esperança alicerçada no passado e no presente de Angola, sendo essa geração considerada como conquistadora da independência de Angola, lançando sementes para um futuro melhor para gerações futuras.

Referências bibliográficas

PEPETELA, *A Geração da Utopia*, Lisboa, D. Quixote, 1992.

BLOCH, Ernest. *O princípio Esperança*, Ed. UERJ, 2005.

LEITE, Ana Mafalda. *Oralidades e Escritas nas Literaturas Africanas*, Edições Colibri, 1998.

ABDALA Jr.. *De vôos e ilhas: literatura e comunitarismos*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política*. São Paulo: Brasiliense, 1984.